

HAARETZ

Sexta, 2 de Maio de 2009

Thamires Palombo e Kaline Viviane

A demagogia dos Direitos Humanos se repete

Excesso de assistencialismo permeou a discussão do Alto Comissariado para Refugiados e ausência de políticas efetivas foi marca da maioria dos países durante a sessão.

Nesta sexta feira, após a primeira sessão do comitê do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados da República Democrática do Congo, a principal questão foi da possível necessidade de intervenção militar na RDC ou se a comunidade internacional deve apenas se ater às questões humanitárias.

A discussão foi intensa. A Turquia se posicionou contra a interferência militar, priorizando que a preocupação deve estar voltada para a resolução dos problemas étnicos. O Egito manteve uma posição de não-interferência e colocou em pauta a questão da ajuda financeira e de apoio aos refugiados, principalmente por parte dos países desenvolvidos, idéia que de certa forma foi bem recebida pela comunidade internacional, que propôs a criação de conglomerados financeiros para estruturação econômica da RDC.

O Reino Unido e Israel mantiveram a posição de proteger os civis e os refugiados, nenhum deles opinando de forma clara quanto à interferência militar no processo. O discurso de "zelar pelos direitos humanos" ficou a cargo dos Estados Unidos, que demonstrou uma preocupação considerável, porém também não se posicionou sobre uma possível intervenção militar.

A opinião praticamente unânime foi o pedido de paz e a disponibilidade de ajuda aos refugiados, tanto financeira quanto humanitária, sendo a questão militar mencionada apenas por algumas nações e tomada por muitas como um "problema dos congoleses". Ironicamente, países como Alemanha e Estados Unidos, produtores de materiais bélicos, posicionaram-se a favor do desarmamento, uma contradição que chega a ser cômica.

Todavia, a colocação em destaque foi a do Chade que, em uma profunda crítica à posição pacífica dos países desenvolvidos, lembrou fatos históricos relevantes. A delegada afirmou que a questão conflituosa no continente africano é uma consequência do neocolonialismo praticado por esses países, que, contraditoriamente, hoje demonstraram uma comovedora atenção aos direitos humanos.

A surpresa foi que, na primeira sessão, esperava-se que a região mais conflituosa do Congo, o norte de Kivu, fosse mais discutida, pois enfrenta intensos conflitos há dois anos e é um assunto polêmico que demanda uma relevância maior. Os problemas com as guerras civis em países, precisamente, africanos, só podem ser solucionados a partir do momento em que questões históricas neocolonialistas e imperialistas forem destrinchadas e colocadas em pauta, para que não haja apenas assistencialismos, e sim para que o problema seja resolvido a partir de sua essência.



Grupo de rebeldes do Congo

Membros da ACNUR discutem a eficiência da MONUC
Em entrevista ao Haaretz, os delegados da Venezuela e Egito exprimem as suas opiniões acerca da atuação deste órgão nos campos de refugiados.

A MONUC (Missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo) é um órgão que tem como função auxiliar os refugiados através de medidas que tornem a sobrevivência e o desenvolvimento dessas pessoas possível. A dúvida é que através das medidas que o órgão está promovendo, ele passou a tratar as pessoas que estão refugiadas, como pessoas que são refugiadas.

Em entrevista ao Haaretz, dois países manifestaram suas opiniões quanto à eficiência desse órgão. A delegada da Venezuela, ao ser questionada, mencionou a importância da MONUC, demonstrando que a ajuda humanitária deve ser única, e que nesse ponto o órgão mantém sua proposta inicial. Já a delegada do Egito, afirmou que as políticas assistencialistas sozinhas não resolvem o problema em questão. Para ela há uma necessidade de investimento nas estruturas, ou seja, criar mecanismos que possibilitem aos campos de refúgio as condições necessárias provisórias. Portanto a atuação da MONUC é uma forma de propaganda para descargo de consciência, mas não resolve o problema em si.

Durante a sessão a Turquia demonstrou uma posição de apoio à arrecadação de dinheiro para que o saneamento básico, a educação e a segurança sejam eficazes nos campos de refugiados, já que a condição nestes é muito precária. Contudo, as potências mundiais precisam atentar-se a resolução da causa central do conflito e assim eliminá-lo, pois deste modo as guerras civis serão erradicadas e não haverá mais refugiados.